

A verdade é   
apenas uma versão  
dos fatos

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2017

WHISNER FRAGA



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Daniel Zanella

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

F811V      FRAGA, WHISNER. 19XX -  
A VERDADE É APENAS UMA VERSÃO DOS FATOS /  
WHISNER FRAGA. - GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

208 p. : 22,5 cm.

ISBN 978-85-5833-XXX-X

1. CRÔNICAS I. TÍTULO

CDD.: B869.3

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## Um presente antiquado

O parto estava marcado para seis de setembro. Ativistas e parentes condenaram, mas ninguém tinha uma opinião muito fundamentada a respeito do assunto e Helena ainda não havia se virado, para que pudesse escapar do útero, mundo afora. Além disso, não sejamos hipócritas, a comodidade de uma cesariana nos tentava de uma maneira praticamente irresistível. Como sei que essas coisas quem decide é a mulher, assumi meu papel de bom ouvinte e marido compreensível. Quando requisitado, repetia o mantra: você está certa, você tem meu apoio, é melhor assim. Deu tão certo que a gravidez não atravessou nenhuma turbulência.

Eu estava com uma ansiedade retroativa, acumulada. As pessoas tinham dado tanto palpite a respeito de tudo, que eu me sentia um pouco zozzo. No carro, uma toalha tinha um lugar fixo no banco traseiro, porque alguém havia nos alertado que a bolsa poderia estourar a qualquer momento e seria

água para todo lado. Nossa obrigação era evitar essa vergonha e tentar manter o carro seco. O celular, um objeto que eu ignorava solenemente, passou a ter as teclas e o visor apalpados paranoicamente, pois Ana poderia me telefonar a qualquer momento, alertando que Helena estava prestes a chegar à luz. A anestesia que Ana receberia no dia seguinte era motivo de pesadelos recorrentes: peridural ou raquidiana? A medida do crânio, no último ultrassom, estava correta? Ela tinha mesmo os dois bracinhos? As pernas eram normais? Todos os dedos estavam lá, tem certeza? O coração batia, você viu? O pulmão já estava formado? Sei hoje: são questões preconceituosas, mas naquela hora nos descobrimos muito mais humanos do que gostaríamos de ser.

Apesar de tantos questionamentos, dormi muito bem, obrigado. O nascimento estava marcado para as dez e meia da manhã, mas o médico pediu para chegarmos às seis. Ok, chegamos, tudo é festa mesmo. Nove horas e já estávamos instalados no quarto, Ana com o camisolão verde, deitada numa cama, aguardando. O parto seria a qualquer momento. Dez horas e até que nos saíamos bem, tentando conter a impaciência. Onze horas e eu pensei que já poderiam ter dado alguma notícia, enviado alguma enfermeira, sei lá. Onze e meia e finalmente aparece um funcionário do hospital. Subimos até a sala de cirurgia, me alertam que irão preparar Ana, que eu espere. Meio-dia e meia me chamam para três minutos de uma cena que, honestamente, a despeito do que todos afirmavam, não mudou drasticamente a minha visão a respeito de nada. De repente, em meio ao sangue e ao espanto, surge Helena! Ela é levantada pelos pés, chora, o anesthesiologista faz uma piadinha de praxe, o pediatra aproveita a deixa e solta a sua também e pronto: sou pai.

Sou pai, é o que atestavam. Sou pai, depunham os documentos. Mas eu ainda não era pai. Era um espectador de milagres. Helena era inteira da mãe, por enquanto. Ela só se tornou minha também, só se transformou em filha, mais tarde, quando eu a acalentei e ela descansou em meu ombro e descobri que aquela criatura dependia tanto de nós, mas tanto, que nem dormir sozinha ela conseguia. Neste momento, eu a abracei desesperadamente e sussurrei: Helena.

Eu sabia que a coisa dali para frente seria cansativa: devia esperar Ana sair da anestesia, devia esperar darem o primeiro banho em Helena – a portas fechadas, evidentemente. Acredito que o verdadeiro paciente devia ser eu, naquele instante. Fiz o que era esperado de mim: aguardei. Enquanto mastigava uma brachola mal cozida, veio-me um lampejo. Eu devia sair dali naquele momento, ir o mais rápido possível a uma papelaria e comprar um caderno e uma caneta. Escreveria o diário de Helena, o diário do nascimento. Seria esse o meu presente a ela, o meu jeito de dizer à minha filha que eu não ficaria indiferente àquele momento. Não, não era somente isso, me perdoem. Quem eu quero enganar? Eu simplesmente ponderei que, daqui a quinze anos, Helena pudesse querer ter uma ideia do que foi o seu nascimento, o que aconteceu, todos os detalhes daquele seis de setembro. E raciocinei que se deixasse para escrever depois, se deixasse para relatar o acontecido dali a um mês ou a um ano, algo poderia se perder. Os pormenores seriam substituídos por variantes, ao longo do tempo. O geral, ficaria. Como, por exemplo, contar que Helena dormiu conosco, em nosso quarto, em seu primeiro dia de vida. Isso não vai mudar jamais, o fato será sempre esse e assim seria narrado, mesmo

se eu não tivesse registrado no diário. Mas será que eu me lembraria de que dormi em um sofá duro e que, à noite, quase morri de susto porque uma enfermeira entrou no quarto sem pedir permissão? Ou que requisitei um técnico ao nosso apartamento para configurar a rede wireless do notebook e que ninguém apareceu e eu não tive como enviar a foto da pequerrucha para ninguém? Na dúvida, decidi escrever.

Sei que, daqui a quinze anos, esse diário vai ser um presente bobo para Helena. Haverá um tênis ou algum aparelho eletrônico que ela vai desejar muito mais. Daí eu concluo que fiz o relato do parto e dos primeiros dias de Helena para mim e para Ana, para que não nos esquecêssemos daquele dia, para que digeríssemos a experiência da paternidade e da maternidade, para que nos aceitássemos como um casal que deu ao mundo uma nova vida.. Espero que Helena reconheça naquelas palavras a grandiosidade da existência.

## O diário

Eu prometi que escreveria algo para Helena, todos os dias, durante um ano, ou até quando a tarefa começasse a me entediar, em um caderno que comprei quando ela nasceu. Naquele seis de setembro, enchi doze laudas de uma história que não interessaria muito a ninguém mais além de nós. Nunca produzi tanto em uma única tarde. Continuei, naquela semana, abarrotando com palavras, ansioso e febril, as páginas da brochura. Era um momento de desabafo, não queria compor uma obra literária, mas simplesmente relatar, enviar recados para um futuro, inventar memórias.

No quinto dia, encomendei outros cadernos em uma loja virtual, mas continuei escrevendo naquele antigo, já um pouco desgastado. Depois o substituí por um novo. Claro que não consegui relatar algo sobre Helena todos os dias do ano. Em algum momento eu estava tão cansado ou entediado, que não pude falar nada sobre minha filha. Foram poucas as vezes

em que isso aconteceu. Digamos que, dos 365 dias de vida que esta menina linda faz esta semana, 340 estão esmiuçados no Diário que criei para ela. As anotações estão lado a lado com estudos de personagens, ideias para contos, versos soltos, trechos de algum livro que li. Tudo misturado, como gosto.

Em 22 de janeiro de 2012, qualquer um que estiver de posse de meus relatos pode ler: “Helena faz 4 meses e 16 dias. Está comendo papa de banana, mamão e pera. Ana deu a ela 4 colheres de mamão gelado e ficou preocupada, imaginando se a menina pegaria uma gripe. Pesquisou e descobriu que o melhor a fazer é dar o leite do peito logo em seguida. Como procedeu assim, sossegou. Helena faz um longo ruído com a boca quando está chateada. Gravei o barulho em um vídeo para não esquecer.” Abaixo, ainda em 22 de janeiro, acrescentei: “Livro: Entre a luxúria e o pudor. Autor: Paulo Sérgio do Carmo. Editora: Octavo. Hoje gravei aqui em casa mesmo um vídeo para a TV Brasil, pois não queria ir ao Rio de Janeiro. Amanhã enviarei carta para o Antonio Maura Barandiarán para sondar a possibilidade de uma tradução.”

Helena completa um ano no próximo dia 6 e eu queria lhe dar esta crônica de presente. Não apenas a ela, mas também à sua mãe, Ana. Quero relatar algo triste que se passou neste primeiro ano em que convivemos com essa criança. Ana vivia seu primeiro Dia das Mães e, não sei o motivo, não preparei nada para ela. Não lhe comprei um presente, não encomendei flores, apenas lhe dei os parabéns, logo no início manhã e pronto. Tenho certeza que, por mais que haja tamanha carga comercial na data, é um acontecimento singular na vida de uma mulher. Devia ter preparado uma festa, no mínimo.



Não foram os choros, as birras, as grandes inseguranças de pais de primeira viagem, os pequenos sustos que nos dão um ser tão dependente, que me deixaram, muitas vezes, um tanto desconsolado. Foi este primeiro Dia das Mães de Ana e foi culpa minha. Pondero que para sempre ela se recordará da data como um dia vazio, de decepção. Minha filha Helena, esta crônica é para que nos lembremos que ano que vem temos a obrigação de preparar algo inesquecível para Ana, alguma coisa tão grande, tão bela, tão inesperada, tão surpreendente, como a imagem de seus dedinhos beliscando carinhosamente o pescoço de sua mãe.

revista de direita não publica matéria defendendo o desarmamento. Se assim o fizer, perderá assinantes.

Como exemplo dessa tese, hoje eu lia sobre a queda de um avião no Egito e, em uma hora de pesquisa sobre o tema, descobri várias versões sobre o acidente. Aliás, foi mesmo um acidente? Terminei a exploração sem saber. Uma manchete em um site de notícias do Brasil enfatizava: havia 224 pessoas no avião abatido. Como assim? Sutilmente implantar o termo “abatido” e ficar por isso mesmo? Em outra página, o tom era mais brando, talvez para não assustar os leitores, e focava nas vítimas, ressaltando haver várias crianças a bordo, todas mortas naquele momento. Outro jornal e nada sobre atentado. Outro ainda e também silêncio.

Vou para outros países: Espanha, França, Inglaterra, tentar uma informação mais precisa. O periódico francês comenta sobre um post do Estado Islâmico, chamando para si a responsabilidade do ataque. Aí a coisa fica bem estranha. Um político egípcio, poucas horas após a queda, em entrevista oficial, afirma que o piloto conversava durante todo o tempo com controladores de voo e não relatou nenhum problema com a aeronave. Mais tarde, outros pronunciamentos também oficiais garantem que o mesmo piloto relatou problemas e pediu para fazer um pouso de emergência.

Depois a imprensa russa, com o apoio de especialistas americanos, revela que o Estado Islâmico não possui mísseis capazes de atingir qualquer coisa acima de dez mil pés. E o Airbus ia a trinta mil pés. Eu precisava de mais dados. Corri para outros jornais e aí um parecia ter copiado o outro. Sei que amanhã lerei outros fatos e outras versões. O Jornalismo